



O DÉFICIT DE APRENDIZADO PÓS (DES)APOIO EDUCACIONAL: perspectivas da função *versus* resultados emergentes

Amanda C. C. S. OLIVIERA¹; Reginaldo A. SILVA²

RESUMO

Nos últimos anos, a humanidade sentiu um grande impacto, emocional, físico e, principalmente educacional devido à pandemia da Covid-19. A modalidade de ensino remoto trouxe à tona um emergente problema que se encontrava (in)visibilizado: a defasagem e o déficit de aprendizagem de alunos, em especial os com NEE. Com isso, a qualidade do apoio educacional especializado passa a ser analisada e questionada. Foi apenas no pós-pandemia que o déficit se agravou, ou o cenário emergente dessa aprendizagem já estava em andamento? Neste trabalho, refletimos sobre os novos desafios que surgiram e como educadores têm se desdobrado para atuar no pós-pandemia. E concluímos que a pandemia exacerbou desafios, incluindo a evasão escolar e a desmotivação. Porém, enfatizamos que o papel da família na educação é crucial, assim como a busca por metodologias ativas e inclusivas que podem superar o déficit educacional e garantir um futuro acadêmico equitativo, democrático e de qualidade.

Palavras-chave: AEE; Acessibilidade; COVID-19; Ensino Remoto; Pandemia.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos três anos, de modo geral, toda a humanidade sofreu com algum impacto em seu cotidiano, sendo ele emocional, físico, familiar e/ou educacional. Nesse último, é fato que milhares de alunos, em suas respectivas idades, sofreram uma enorme defasagem, exatamente pela pioneira forma de lidar com a educação na modalidade remota (Educativa, 2023). Porém, tratamos nesse trabalho, algumas hipóteses que, no pós-pandemia, podem ser confundidas ou até mesmo terem sido agravadas pelo tempo em que a educação sofreu o impacto. Será que a desculpa do pós-pandemia, quanto à defasagem dos alunos, justifica o cenário emergente de sua aprendizagem, independentemente do período escolar em que se encontra e de sua necessidade educacional específica?

Um dos principais desafios reside na definição clara da função do apoio educacional especializado. Enquanto alguns defendem a ideia de um suporte pontual para as disciplinas mais problemáticas, outros acreditam que seu papel vai além, promovendo um aprendizado mais abrangente e personalizado, tendo o desenho universal como base (Zerbato, 2018). Essa ambiguidade pode contribuir para o déficit de aprendizado, pois a falta de direcionamento adequado pode não abordar as necessidades específicas dos estudantes. O déficit de aprendizagem educacional é uma preocupação crescente em nossa sociedade contemporânea. Essa função,

1 Professora de AEE no Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas - NAPNE do IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. E-mail: amanda.oliveira@ifsuldeminas.edu.br.

2 Professor e Tradutor-Intérprete de Língua brasileira de sinais - Libras, IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. E-mail: reginaldo.silva@ifsuldeminas.edu.br.

exercida pelo profissional no Atendimento Educacional Especializado (AEE), tem como objetivo proporcionar um ambiente propício para que os alunos alcancem seu potencial máximo, superando dificuldades e desenvolvendo habilidades essenciais. Isso se dá por meio da elaboração e organização de recursos didático-pedagógicos e acessíveis que eliminem as barreiras excludentes e levem os alunos a terem plena participação nas atividades, respeitando assim suas especificidades, além de promover sua formação de qualidade e geração da autonomia e independência dentro e fora do ambiente educacional (Brasil, 2009).

Com a pandemia do Covid-19, foi apresentada uma realidade, que aparentemente encontrava-se invisibilizada, uma realidade ignorada pela sociedade e principalmente pelo poder público. Muitos alunos, devido a fatores financeiros e a inacessibilidade tecnológica, não tiveram condições de acessar as aulas de modo remoto e assim acabaram desistindo dos estudos, aumentando então a evasão escolar (Educativa, 2023). A partir disso, os que ainda permanecem, vivencia-se, então, uma ampla defasagem educacional e um acentuado desinteresse e desmotivação. O que esperar, por parte deles, em um futuro próximo? A cada dia, educadores têm de se adaptar aos novos paradigmas, novos desafios que surgem no ambiente escolar, principalmente quando, em seu quadro discente, há aqueles com necessidades educativas específicas que foram ainda mais prejudicados, pois necessita(ra)m de apoio educacional, e não o tiveram quando permaneceram longe do contexto educacional (Educativa, 2023). Segundo Araújo (2021), alunos do ensino médio tiveram perda significativa de 74%, estendendo também aos alunos do ensino técnico, devido às aulas remotas no período pandêmico.

O escopo desse trabalho é refletir sobre os novos desafios que surgiram e como educadores têm se desdobrado para atuar no pós-pandemia. Apresentar as análises realizadas que trouxeram à tona, hipóteses do (des)apoio e o déficit educacional emergente, principalmente na perspectiva da educação inclusiva.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para a produção deste trabalho, lançou-se mão da abordagem qualitativa, empregando o metodológico estudo de caso, à luz de Yin (2001). Essa, que é uma investigação empírica, tem um método que, além de abranger planejamento, usa técnicas específicas para a coleta de dados e análises. O autor ainda sustenta que o estudo de caso pode contribuir, de forma ímpar, para o entendimento dos fenômenos sociais, políticos, organizacionais e individuais.

As análises aqui apresentadas ocorre(ra)m a partir do primeiro semestre letivo de 2022, quando o retorno às aulas, o pós-pandemia, aconteceram. Ainda que, valendo-se desse período, como base, até o presente, as análises também ocorrem, como comparativo, antes da pandemia da Covid-19. A análise comparativa te(ve)m como público-alvo, alunos com ou sem alguma

necessidade educativa específica. O instrumento de coleta das informações foi um roteiro empírico com perguntas baseadas no comportamento de alunos, durante as monitorias e atendimentos bem como nos resultados de suas atividades escolares, em distintas disciplinas, observadas pela professora de AEE e do apoio pedagógico interno, realizados pelo Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas – NAPNE, do Campus Inconfidentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A qualidade dos atendimentos, realizados pelo núcleo, vai ao encontro da qualidade de ensino inclusivo e acessível descrito nos documentos legais vigentes. É fato que a formação de base docente nem sempre aborda as necessidades para um atendimento adequado ao público-alvo da educação inclusiva, ficando assim à mercê do próprio educador a busca de formação continuada em resultado da sua atuação educacional com sujeitos com necessidades educativas específicas. A formação continuada é um fator-chave, pois, recursos insuficientes, a falta de formação adequada e uma abordagem genérica, podem comprometer os resultados pretendidos. Outro ponto relevante é o estigma associado ao (des)apoio educacional. Alunos que buscam ajuda muitas vezes enfrentam o preconceito ou a sensação de inadequação, o que pode afetar negativamente seu engajamento e autoestima.

Relacionando e comparando os atendimentos, neste relato de experiência, foi percebido que o déficit de aprendizagem não ocorre(u) apenas por conta do engessamento da Covid-19, mas anterior a ela. Atividades simples, como raciocínio lógico-matemático, escrita do português em contextos básicos e a falta de comprometimento nos estudos, têm ficando cada vez mais distantes e emergentes na/da vida do sujeito-aluno. Essa é uma defasagem preocupante, pois a falta de formação específica e o não preparo pedagógico docente, pode negativamente comprometer o seu desenvolvimento cognitivo. Por outro lado, se houver empenho didático e metodológico, a vida acadêmica e o desempenho do sujeito tornar-se-á significativa na genuína perspectiva da inclusão educacional.

A escola espera que a família se comprometa em acompanhar o desenvolvimento dos filhos-alunos, assim como é de sua responsabilidade. Porém, muitas das vezes, essa tarefa primária é desconsiderada, passando a ser (no desejo da família) somente da escola.

Ainda que a função do professor no/do atendimento educacional especializado seja a de criar metodologias ativas e promover a autonomia, a independência socioeducacional e os interesses do aluno, dentro de suas necessidades, é também da família o papel de conduzi-lo a esse contexto, de modo que ambos, escola-família-aluno, possam usufruir da qualidade educacional sem exclusão e distante do famigerado capacitismo.

4. CONCLUSÃO

Nos últimos 20 anos, foi possível presenciar um aumento significativo do acesso das PcD no contexto educacional. O profissional atuante no AEE teve ainda mais visibilidade quando, em seu contexto de atuação, passa a receber alunos com necessidades educativas diversas e, nesse trabalho árduo, multiplicam-se as responsabilidades bem como a criatividade docente. Tudo ainda é tenro, não temos uma receita pronta para ajustar toda a escola, mas pode-se lançar mão da criatividade, da (re)invenção de novas metodologias e práticas ativas que sejam relevantes. É verdade que rever adaptações torna-se necessário à prática educacional constante, principalmente à educação inclusiva no século XXI. O investimento na formação continuada é emergente, pois garante ao sujeito vencer as dificuldades, amenizar o déficit escolar e estar apto à democrática imersão educacional e ter o seu desenvolvimento norteado ao sucesso acadêmico.

Em suma, o déficit de aprendizado pós (des)apoio educacional requer uma reflexão profunda sobre a função e qualidade do suporte especializado. A convergência de esforços entre educadores, famílias e a comunidade em geral é crucial para superar esse desafio. Ao priorizar o aprendizado personalizado e uma abordagem inclusiva, estaremos pavimentando o caminho para um futuro educacional mais promissor e equitativo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. L. Pandemia acentua déficit educacional e exige ações do poder público. **Senado Notícias**, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3PUoKtY>. Acesso em: 07 jul. 2023.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 4, de 02 de outubro de 2009**. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, Modalidade Educação Especial. Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 18 jun. 2023.

EDUCACIONAL. Déficit educacional pós-pandemia: quais os impactos na educação? **Blog Educacional** - ecossistema de tecnologia e inovação, 2023. Disponível em: <https://educacional.com.br/artigos/deficit-educacional-pos-pandemia/>. Acesso em: 27 jul.2023.

MANTOAN. M. T. E. **Inclusão Escolar - O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar). Disponível em: <https://encurtador.com.br/bjGJ0>. Acesso em: 31 jul. 2023.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZERBATO, A. P. **Desenho universal para aprendizagem na perspectiva da inclusão escolar: potencialidades e limites de uma formação colaborativa**. 2018 298f. Tese (Doutorado) Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9896>. Acesso em: 12 jun. 2023.